

Volume 1



*Primeiro romance
que passa da internet
ao papel graças ao
seu êxito nas redes
sociais!*

Blue Jeans

Canções
para **Paula**

everest

Canções
para **Paula**

Volume 1

© EVEREST EDITORA, LDA.,
Pq. Ind. Meramar II, amz. 1 e 2
2635-047 Rio de Mouro – PORTUGAL
www.everest.pt
em colaboração com EDITORIAL EVEREST, S.A.
© do texto: Francisco de Paula Fernández
© da tradução para português: Teresa Figueira

Título original: *Canciones para Paula*
Texto revisto segundo o novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

Direção editorial, paginação, design e ilustrações de capa: Editorial Everest, S. A.
Coordenação editorial: Everest Editora, Lda.

Texto revisto segundo o novo acordo ortográfico da língua portuguesa.
Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro, nem o seu tratamento informático, nem a transmissão por qualquer forma ou qualquer meio, quer seja eletrónico, mecânico, por fotocópia, por digitalização, por registo ou por qualquer outro método, sem autorização prévia, e por escrito dos titulares do *Copyright*. Todos os direitos reservados, incluindo o direito de venda, aluguer e empréstimo ou qualquer outra forma de cessão do uso do exemplar.

ISBN: 978-989-50-1963-2
Depósito legal: 384638/14
Data de impressão: janeiro 2015

Printed in Spain – Impresso em Espanha
Publidisa



Canções
para **Paula**

Volume 1

© EVEREST EDITORA, LDA.,
Pq. Ind. Meramar II, amz. 1 e 2
2635-047 Rio de Mouro – PORTUGAL
www.everest.pt
em colaboração com EDITORIAL EVEREST, S.A.
© do texto: Francisco de Paula Fernández
© da tradução para português: Teresa Figueira

Título original: *Canciones para Paula*
Texto revisto segundo o novo acordo ortográfico da língua portuguesa.

Direção editorial, paginação, design e ilustrações de capa: Editorial Everest, S. A.
Coordenação editorial: Everest Editora, Lda.

Texto revisto segundo o novo acordo ortográfico da língua portuguesa.
Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro, nem o seu tratamento informático, nem a transmissão por qualquer forma ou qualquer meio, quer seja eletrónico, mecânico, por fotocópia, por digitalização, por registo ou por qualquer outro método, sem autorização prévia, e por escrito dos titulares do *Copyright*. Todos os direitos reservados, incluindo o direito de venda, aluguer e empréstimo ou qualquer outra forma de cessão do uso do exemplar.

ISBN: 978-989-50-1963-2
Depósito legal: 384638/14
Data de impressão: janeiro 2015

Printed in Spain – Impresso em Espanha
Publidisa



Blue Jeans

Canções
para **Paula**

Volume 1

everest

Aos meus pais e à *María*. Sem eles, nada seria possível.

À *Everest*, por confiar em mim e se aventurar neste projeto maluco. Ana e *Alícia*, obrigada pela vossa paciência.

À *Ester*, por me inspirar e ajudar nos momentos complicados.

À *Sara*, à *Lidy* e à *Lola* por serem, não apenas seguidoras, mas amigas. À *Anita*, por toda a sua dedicação ao livro *Canções* para *Paula* e ao seu autor.

A *Lidia*, *Luz*, *Demi*, *Maite*, *Cristina*, *Saray*, *Geli*, *Meri*, *Almu*, *Álex*, *Esther*, *Alicia*, *Laura*, *Irene* e *Yoli* que, desde que chegaram, deram os seus contributos.

Às *Ángeles de Blue*, pela sua colaboração e carinho.

A todas as pessoas que clicaram e aceitaram o convite deste desconhecido para ler um parágrafo de *Canções* para *Paula*.

Capítulo 1

Seis da tarde de um dia de março.

Olha novamente para o relógio e sopra a franja. Olha para um lado e para o outro. Nada. Nem sinal da flor vermelha.

Dois dias antes.

Ele: «Vou levar uma rosa vermelha, para saberes que sou eu».

Ela: «Uma rosa vermelha?! Que clássico!».

Ele: «Tu sabes como eu sou...».

Ela: «Eu levo a mochila cor-de-rosa das Powerpuff Girls».

Ele: «És mesmo infantil!».

Ela: «Tu sabes que sim!».

Seis e quinze da tarde de um dia de março.

«É mesmo idiota! Afinal, elas é que vão ter razão!»

Paula olha novamente para o relógio. Suspira. Ajeita a saia que comprou especialmente para o encontro. Também tem roupa interior nova, ainda que saiba perfeitamente que não vão chegar tão longe. Dá pequenos toques com o salto no chão. Começa a ficar verdadeiramente irritada.

Um dia antes.

Ela: «Tens a certeza do que vamos fazer?».

Ele: «Não. Mas temos de o fazer».

Ela: «Se tu não apareceres...».

Ele: «Vou aparecer».

Seis e meia da tarde de um dia de março.

Paula conforma-se. Se, ao menos, ele lhe tivesse dado o número do telemóvel... Põe a mão na testa. Está com calor, apesar de estar um frio de rachar. Não quer acreditar que ele não apa-

receu. Torna a olhar para todos os lados à procura de uma flor vermelha. Nada.

– És um idiota – diz, em voz alta, mas não ao ponto de alguém a conseguir ouvir.

Na noite anterior.

Ele: «Amo-te!».

Ela: «<3».

Seis e trinta e seis da tarde de um dia de março.

Paula cansou-se de esperar. Está com calor. Pouco depois, sente frio. Tira um elástico para o cabelo de um dos bolsos da mochila das Powerpuff Girls e faz um rabo de cavalo. Tinha esticado o cabelo para a ocasião, mas isso agora já não interessa. O parvalhão não apareceu. «Estúpido!»

«E agora?» Ainda é cedo para voltar para casa e por nada deste mundo quer estar perto do seu computador. Precisa de um bom café para aliviar a raiva.

Vê um *Starbucks* mesmo em frente. Vai até à passadeira, para atravessar a rua, enquanto faz mil e uma caretas de irritação. Enquanto espera que apareça o bonequinho verde do semáforo, relembra a conversa com as suas amigas na escola.

Nesse mesmo dia de manhã.

Paula: «Às cinco e meia».

Cris: «Não acredito. Marcaste mesmo encontro com ele?».

Diana: «*Uau!*».

Paula: «Acho que está na hora de nos conhecermos».

Miriam: «Mas vocês nem sequer se viram por fotografia...».

Paula: «Eu sei, mas gosto dele e ele gosta de mim. Não precisamos de fotografias».

Diana: «E se for um maluco ou um tarado sexual daqueles...?».

Miriam: «Isso era o que tu gostavas de encontrar, não é, Diana? Um louco que passe o dia todo a pensar em sexo».

Cris: «E se ele não aparecer?».

Paula: «Vai aparecer».

Miriam: «Pode ser que não».

Diana: «Pode ser que não».

Paula: «Já vos disse que sim!».

Professor de matemática: «Menina García, eu sei que adora derivadas, mas faça o favor de se controlar melhor em sala de aula. E agora, pode vir ao quadro mostrar-nos a sua sabedoria?».

A conversa acaba e todas se riem, menos Paula que, contrariada, se levanta e se dirige ao quadro.

Seis e quarenta da tarde de um dia de março.

Paula abre a porta do *Starbucks*. Não há ninguém na fila. Um rapaz careca e magro, de barbicha, atende-a com um belo sorriso. A rapariga pede um *caramel macchiato*, uma especialidade com caramelo e baunilha. Paga e vai para o andar de cima, para tentar pôr em ordem a sua cabeça baralhada.

A sala está praticamente vazia. Um casalinho troca mimos num sofá, perto de uma das grandes janelas que dão para a rua. Paula olha para eles, de lado.

«Que azar, ficaram com o melhor lugar...»

Perto do casal, há outro sofá que lhe agrada, mas descarta-o por estar muito perto daqueles namoradinhos. Não pretende incomodá-los. Por fim, escolhe um lugar afastado, de canto, perto de outra janela, mas com menos luz e uma vista pior.

Paula observa o trânsito da cidade. Está triste e pensativa: tem de admitir a si mesma que acreditava mesmo que ele ia aparecer. Após dois meses a conversarem todos os dias, a contarem coisas, a rirem, quase apaixonados, na hora da verdade, ele tinha sido um covarde. Ou talvez não fosse o que dizia ser e dera por terminada a relação.

«Não, não pode ser. Isso não pode ser!»

Dá um gole no seu *caramel macchiato*. Suja, inevitavelmente, os lábios e a espuma deixa-lhe uma espécie de bigodinho por

baixo do nariz. Tenta alcançá-lo com a língua, mas é inútil. O caramelo pregou-lhe uma partida. «Bolas, não trouxe guardanapo e não me apetece passar outra vez à frente daqueles dois.»

Procura na mochila das Powerpuff Girls, mas não encontra lenços de papel. Suspira. Tira o livro lá de dentro e põe-no em cima da mesa, para continuar à procura com menos obstáculos. Nada. Volta a suspirar.

Enquanto explora a mochila, entra um rapaz na sala, que se senta no sofá em frente ao dela. Ao terceiro suspiro, quando levanta a cabeça, vê-o. Ele está a olhar para ela. É bonito. Sorri. Paula lembra-se de que ainda está suja e, discretamente, deita o livro ao chão. Quando se baixa para o apanhar, aproveita e, com a mão, limpa a boca e o nariz, por via das dúvidas. Está salva.

Mas, de repente, a sua cara debaixo da mesa dá de caras com o rosto do rapaz bonito, que se aproximou e está agachado ao lado de Paula. Sem dizer nada, o jovem tira um lenço de papel de um pacote que tinha no bolso e dá-lho.

– Toma – diz, enquanto lhe oferece o lenço com um grande sorriso.

«Que sorriso maravilhoso», pensa Paula.

– Se bem que já não precisas...

Paula quer morrer, ao ouvir as palavras do rapaz bonito do sorriso maravilhoso. Morre de vergonha. As suas bochechas coram e, quando se levanta com o livro na mão, bate com a cabeça na mesa.

– Au!

– Magoaste-te?

– Não – Paula vê o rapaz em pé. É muito alto. Está com um colete preto e calças de ganga desbotadas. Tem uns olhos grandes, castanhos, e o seu cabelo é um pouco comprido demais para o gosto dela. Mas é realmente bonito.

– E também não preciso do teu lenço.

O jovem sorri e guarda o lenço no bolso.

– Ok. Vou voltar para o meu lugar.

Paula baixa os olhos e espera que o desconhecido se sente novamente. Quando percebe que o jovem está outra vez sentado, levanta um pouco os olhos para se certificar. Está.

«Que brasa! Para! No que é que estás a pensar, Paula?»

Uma leve dor de cabeça, mesmo no sítio em que bateu, trá-la à realidade mas, ao pôr a mão, não nota nenhum galo. «Ainda bem. Era só o que me faltava.» «Filha, a tua cabeça é muito dura», costuma a mãe dizer-lhe sempre. E eis que – sem que sirva de exemplo – tem de lhe dar razão.

Paula sorri, pela primeira vez nas últimas horas. Dá outro gole na sua bebida, desta vez com cuidado para não se sujar, e abre o livro na página onde ficara algumas horas antes. Chama-se *Desculpa, mas vou chamar-te amor*, de Federico Moccia. Fala de uma jovem estudante de dezassete anos e de um publicitário de trinta e seis que se apaixonam. Paula não é grande fã de literatura, mas Miriam falou-lhe tanto daquele livro que acabou por decidir lê-lo. E está a gostar. É apaixonada pela maturidade de Niki, a protagonista, só um ano mais velha do que ela, e pela sua capacidade de conquistar um homem mais velho como Alex. Quem lhe dera a ela, um dia, ter uma história de amor tão intensa como aquela – mas claro que gostaria que o rapaz não fosse tão velho.

E vem-lhe novamente à cabeça a tampa que levou. Aquele idiota deixou-a ali plantada.

«Pfff.»

Quase sem querer, olha para o sofá onde está o rapaz bonito do sorriso maravilhoso. Desta vez, ele não está a olhar para ela.

– Não acredito! – deixa Paula escapar, em voz alta.

O jovem está a ler um livro e está quase no fim. Paula inclina a cabeça para ler o título e ter a certeza de que não está enganada: *Desculpa, mas vou chamar-te amor*.

Nesse instante, o rapaz percebe que os olhos de Paula estão a observá-lo. Contempla-a, dirige o olhar para a capa do livro, volta a olhar para ela e, por fim, sorri, outra vez com aquele sorriso maravilhoso.

– Estás a gostar? – pergunta o rapaz, levantando um pouco a voz.

«Claro que estou, imbecil. Como é que podia não gostar desse sorriso, quando é o mais bonito que já vi?», pensa ela, antes de responder.

– Como? – pergunta Paula, com uma cara espantada, como se lhe tivessem feito uma radiografia à mente.

– Eu vi há pouco, quando o teu livro caiu. Bem, na verdade, quando cheguei e tu estavas à procura de alguma coisa na mochila, vi que estávamos a ler o mesmo livro. Estava só a perguntar se estás a gostar.

– Ah, isso... Sim, estou a gostar.

– É uma bela história. Espera...

Então, o jovem levanta-se do sofá, pega na bebida e no livro e senta-se ao lado de Paula. Surpresa, a rapariga cora outra vez. Ele não é bonito: é uma brasa!

– Importas-te? É para não estar sempre a gritar.

– Não, claro. Senta-te.

Mas, nesse preciso instante, ouve-se bem alto *Don't stop the music*, da Rihanna, dentro da mochila das Powerpuff Girls. Paula dá um salto e procura o telemóvel, rapidamente. Vários segundos depois, encontra-o. É Miriam.

– Desculpa, é uma amiga – explica, baixinho, ao rapaz brasa, que sorri uma vez mais e faz um gesto do género «atende, não te preocupes». Ela levanta-se e caminha para o outro lado da sala. O jovem casal apaixonado já se foi embora.

– Estou?

– Então, como é que estão as coisas? – pergunta Miriam, rapidamente, ao ouvir a voz da amiga. – Não estamos a incomodar, pois não?

– A incomodar? As coisas?

– Sim! Estou aqui com a Diana e a Cris. Espera. Digam alguma coisa, meninas... – ouve-se um escandaloso «olá», seguido de um insulto amistoso, do outro lado da linha. – Vês como nós

gostamos de ti e nos preocupamos? Como é que está a correr o encontro?

«Pfff, o encontro.» Finalmente, percebe. Mas, naquele momento, não está com vontade de lhes dar explicações, e menos ainda de lhes dar razão. Por isso, poupa-se a dizer-lhes que o idiota não apareceu.

– Bem, as «coisas» vão bem. Mas agora não posso falar. Estou muito ocupada e...

– *Uuhhh!* Muito ocupada... *Hummm. Chuac, chuac, chuac.* Ok, não vamos incomodar mais, miúda. Amanhã contas-nos os pormenores. Meninas, vamos desligar. Digam adeus.

E, com um sonoro «tchau, adoramos-te», seguido de outro improprio carinhoso, deu-se a conversa por encerrada.

Paula fecha os olhos e suspira. «Malucas.» E volta para o seu sofá. A brasa está de pé, com o livro debaixo do braço.

– Tenho de ir. Estou atrasado. A minha aula começa daqui a dez minutos.

«Aula. Que aula? A esta hora?»

– Prazer em conhecer-te. Espero que gostes do fim do livro.

E, sem dizer mais nada, a brasa do sorriso maravilhoso saiu do café a correr.

Paula senta-se outra vez enquanto decide que já é hora de voltar para casa, tomar um bom banho relaxante e esquecer o computador por uns tempos. Pega no livro para o guardar, mas apercebe-se de algo estranho. O marcador de livros não é o seu e, além disso, está na última página.

«Aquele idiota enganou-se no livro e levou o meu.»

Abre o livro no final e, em cima, escrito com caneta azul, lê: «alexescritor@hotmail.com, caso queiras comentar o fim do livro».

O bilhete fá-la sorrir e Paula acaba por soltar uma pequena gargalhada. Guarda o livro dentro da mochila das Powerpuff Girls e encaminha-se para a escada do *Starbucks*, sem conseguir evitar um sorriso tonto.

«E vem este tipo e diz que espera que eu goste do final do livro. Que idiota!» Por falar em idiotas, nesse momento outro jovem alto, atraente, sobe a escada do café a correr. Vai tão depressa que não vê Paula. Ao esbarrar com ela, a rapariga cai de rabo no chão e ele quase cai em cima dela, mas consegue evitá-la e fica de joelhos, atrás dela. Cai-lhe uma rosa vermelha da mão. Ambos se olham, espantados. Ele sorri, ao ver a mochila das Powerpuff Girls no chão.

Capítulo 2

Mais ou menos a essa hora, noutra local da cidade.

Ele também olha para o relógio. Também suspira. Mario está sentado no chão, em cima de um tapete, a fazer os trabalhos de matemática. Ao fundo, ouve-se uma música dos Maná.

Cómo pudiera un pez nadar sin agua?

Cómo pudiera un ave volar sin alas?

Cómo pudiera la flor crecer sin tierra?

Cómo quisiera poder vivir sin ti...

Não consegue evitar e repete a última frase. Sente um aperto no coração e suspira. *Como eu gostaria de poder viver sem ti.*

Sim. Era isso que queria: poder viver sem pensar nela.

«Concentra-te, Mario... As aulas, a matemática, as notas... Mas, assim, não consigo!»

Levanta-se e tira o som ao computador. Parece-lhe um sacrilégio interromper uma música dos Maná, a sua banda preferida e dela também, mas é impossível concentrar-se.

Volta para o tapete. Bendita matemática. Derivadas.

Concentração. Cruza as pernas, colocando a direita por cima da esquerda. Faz movimentos de alongamento com o pescoço. A seguir, coloca o caderno de matemática em cima da cabeça. Equilibra-o, mas não o deixa cair.

Depois, põe as mãos nas têmporas e, com os dedos indicador e médio, começa a esfregá-las suavemente em pequenos círculos. Fecha os olhos e solta um «Ohmmmmmmmm» de cinco segundos. A seguir, outro «Ohmmmmmmmmmm», este um pouco mais longo. Depois, ouve-se alguém a tossir à porta do seu quarto.

– Ahah! Agora percebo porque é que não tens namorada...

A sua irmã sorri e as suas amigas, atrás dela, não conseguem evitar uma pequena gargalhada.

Mario abre os olhos, descruza as pernas e tira o caderno da cabeça. Ficou vermelho que nem um tomate. Olha para elas, nervoso, e espera que ela não esteja ali. Parece que não. São só a sua irmã e duas chatas da turma dela.

– O que é que queres?

– Dizer-te que vamos sair. O papá e a mamã não estão cá, por isso, vais ficar sozinho. Juízo, ok?

A rapariga faz uma cara de malandra e assobia, a olhar para o ar.

– O que eu vou fazer é terminar esta seca...

– Estás nas derivadas? Depois deixas-me copiar?

– A nós também! – ouve-se no corredor.

Mario olha para a irmã, indignado.

– E porque é que não te esforças um bocado? Não admira que tenhas chumbado. Já não basta teres sido apanhada pelo teu irmão, ainda queres que eu te ultrapasse...? Devias ter vergonha, Miriam.

– Não sejas tolo. Chumbei para ficar na turma destas chatas – brinca Miriam, apontando para Diana e Cris. De repente, lança-se para o chão, para cima do seu irmão mais novo.

– O que é que estás a fazer? Para com isso!

Deitados no tapete, Miriam não para de dar beijos no irmão.

– Quem é o melhor e mais bonito irmão do mundo mundial e do universo universal?

As duas amigas riem sem parar, enquanto assistem à cena cómica entre irmãos.

– Ok! Já chega! Depois dou-te os apontamentos, mas deixa-me em paz. Tu..., tu és...

– Incrível, não é? – e dá um beijo sonoro na cara de Mario.
– Lindo!

A seguir, levanta-se, ajeita o decote e as calças e, depois de sair do quarto, fecha a porta.